

FLORÍSTICA ARBÓREA DE UMA PORÇÃO DE MATA DE ENCOSTA DO MORRO DA HARMONIA, TEUTÔNIA, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL.

Eloísa Markus¹
Elisete Maria de Freitas²

Abstract

The forests of Rio Grande do Sul are now reduced to only 7.3% of the original vegetation. The hillside areas have large proportions of the remaining forest preserved because of steep and difficult access. This study aims to identify the floristic of a portion of a hillside forest, located at the Morro da Harmonia, municipality of Teutonia, Rio Grande do Sul, and to relate the occurrence of the species found in the area with records made about formations belonging to the Araucaria Forest and the Atlantic Rainforest and to Seasonal Deciduous and Semideciduous Forests in other surveys in the state. To survey the full extent of the selected portion, it was covered in full. There were recorded 72 species belonging to 58 genera and 33 families. The richest families were Myrtaceae, Fabaceae, Lauraceae, Euphorbiaceae and Salicaceae. In the area there were recorded only two exotic species (*Eucalyptus* sp. and *Pinus elliottii*) and listed two taxa considered threatened with extinction (*Gutteria australis* and *Ocotea silvestris*). Among the species found, 35 are common to the four formations, indicating they have a wide distribution, seven are recorded only for Rain Forests and two only for Seasonal Forests.

Key-words: Seasonal Forests, Rain Forests, species diversity, forest formations

Resumo

A cobertura florestal do Rio Grande do Sul encontra-se reduzida atualmente a apenas 7,3% da vegetação original. As áreas de encosta possuem grande parte dos remanescentes florestais preservados por serem íngremes e de difícil acesso. Este trabalho teve como objetivos conhecer a florística arbórea de uma porção de mata de encosta, localizada no Morro da Harmonia, município de Teutônia, Rio Grande do Sul, e relacionar a ocorrência das espécies encontradas na área com registros em outros levantamentos realizados no Estado, cujas formações pertencem às Florestas Ombrófilas Mista e Densa e às Florestas Estacionais Decidual e Semidecidual. Para o levantamento, toda a extensão da porção selecionada foi percorrida na íntegra. Foram registradas 72 espécies distribuídas em 58 gêneros e 33 famílias. As famílias com maior riqueza foram Myrtaceae, Fabaceae, Lauraceae, Euphorbiaceae e Salicaceae. Na área foram registradas somente duas espécies exóticas (*Eucalyptus* sp. e

¹ Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário Univates. Avenida Sete de Setembro, nº 407, ap 403. Bairro Florestal. CEP: 95900-000 Lajeado, RS, Brasil. eloisamarkus@gmail.com (autora para correspondência)

² Drª em Botânica. Museu de Ciências Naturais, Centro Universitário Univates. Av. Avelino Tallini, 171. CEP 95900-000 Lajeado, RS, Brasil. elicauf@univates.br

Pinus elliottii) e listados dois táxons considerados ameaçados de extinção (*Guatteria australis* e *Ocotea silvestris*). Das espécies encontradas, 35 são comuns para as quatro formações, indicando possuírem ampla distribuição, sete apresentam registro apenas para Florestas Ombrófilas e duas somente para Florestas Estacionais.

Palavras chave: Florestas Estacionais, Florestas Ombrófilas, diversidade florística, formações florestais

A cobertura original do Bioma Mata Atlântica, em que a área de estudo está inserida, encontra-se reduzida atualmente a apenas 7,3% da sua cobertura original (Fundação SOS Mata Atlântica/INPE, 2010).

A presença de matas nativas, principalmente nas encostas íngremes, topo de morros e ao longo de rios, córregos e represas serve como obstáculo ao livre escoamento da água das chuvas, reduzindo sua velocidade e possibilitando sua infiltração no solo para absorção pelas plantas e para a alimentação dos aquíferos subterrâneos (Lorenzi, 2009).

Topos de morros, montanhas e suas encostas com declividade acima de 45%, constituem Áreas de Preservação Permanente (APP) - Lei Federal 4.771/65 (Brasil, 1965), onde a vegetação original deve ser preservada. Apesar disso, ainda persiste um descompasso entre a legislação ambiental e as atividades antrópicas vigentes (Pellegrini, 2005).

Mesmo com o aumento da valorização do ecoturismo na região do Vale do Taquari, onde está inserida a área do presente estudo, são poucos os trabalhos de pesquisa que tratam a diversidade florística regional (Freitas & Jasper, 2001; Bruxel & Jasper, 2005; Jasper *et al.* 2005; Steffens & Windisch, 2007; Mundeleski *et al.* 2008; Spellmeier *et al.*, 2009), especialmente a arbórea. Consequentemente é ainda reduzido o conhecimento sobre a mesma (Turismo no Vale do Taquari, 2010). Isso também dificulta as atividades que promovam a preservação do ambiente natural, bem como o aproveitamento, de forma sustentável, da vegetação existente para diversos fins. Tal situação mostra ser relevante a realização de estudos sobre a flora regional.

O presente estudo teve como objetivos conhecer a composição florística arbórea de uma porção de mata nativa na encosta do Morro da Harmonia, Teutônia, Rio Grande do Sul, e relacionar a ocorrência das espécies encontradas na área com as espécies de outros levantamentos já realizados no Estado, cujas formações pertencem às Florestas Ombrófilas Mista e Densa e às Florestas Estacionais Decidual e Semidecidual.

Materiais e métodos

A área de estudo está localizada na margem da Lagoa da Harmonia, o principal ponto turístico do município de Teutônia, Rio Grande do Sul, Brasil. A lagoa é cercada por encostas de morros, na sua maioria cobertos por vegetação nativa. Constitui uma área de preservação permanente devido à sua declividade e por estar localizada junto a um corpo de água – Lei Federal 4.771/65 (Brasil, 1965). Da área total das encostas que margeiam a lagoa, foi

selecionada uma porção coberta por mata com aproximadamente cinco hectares (Fig. 1).

O local do estudo está localizado no Domínio Morfoestrutural das Bacias e Coberturas Sedimentares, Unidade Geomorfológica Serra Geral, na Encosta Inferior do Nordeste (Justus *et al.*, 1986), na porção sul da Bacia Hidrográfica do Rio Taquari.

O solo da região é classificado como Chernossolo Háplico Órtico típico, caracterizado pelo alto potencial para culturas anuais (Streck *et al.*, 2008). O clima é do tipo Cfa (subtropical), segundo a classificação climática de Köppen (Moreno, 1961; Maluf, 2000)

A área de estudo, assim como toda a porção sul da Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, está inserida na Região Fitoecológica da Floresta Estacional Decidual Montana (Teixeira & Neto, 1986). A porção selecionada apresenta altitudes que variam de 490 a 580 metros, com vegetação secundária em estágio avançado de regeneração (Brasil, 1994) e relativamente bem preservada, apesar da presença de duas espécies exóticas, cujos exemplares ocorrem de forma aglomerada em dois locais distintos.

O levantamento florístico foi realizado de abril a outubro de 2010 quando toda a extensão da porção da encosta foi percorrida na íntegra através de caminhadas. Nessas caminhadas foram coletados ramos férteis ou não dos exemplares arbóreos encontrados com circunferência à altura do peito (CAP) igual ou maior de 24 centímetros. Todo o material coletado foi desidratado e herborizado para posterior identificação. As exsicatas, obtidas a partir do material fértil, foram depositadas no Herbário HVAT (Herbário do Vale do Taquari) do Museu de Ciências Naturais do Centro Universitário Univates. A identificação das espécies foi realizada com o uso de bibliografias específicas (Sobral, 2003; Sobral *et al.*, 2006) e de consulta a especialistas. Para a definição das famílias botânicas foi seguida a Angiosperm Phylogeny Group III (APG III, 2009).

Resultados e discussão

A riqueza na área amostrada foi de 72 espécies distribuídas em 58 gêneros e 33 famílias (Tab. 1). Myrtaceae foi a família que apresentou o maior número, representado por 13 espécies, seguida por Fabaceae e Lauraceae, ambas representadas por cinco espécies, Euphorbiaceae e Salicaceae com quatro, Melastomataceae, Meliaceae, Moraceae, Myrsinaceae e Sapindaceae com três, Annonaceae, Asteraceae e Rubiaceae com duas, e as 20 demais famílias representadas por apenas uma espécie. A família Myrtaceae, representada por 13 espécies, constituiu 18% das espécies identificadas, sendo o gênero *Eugenia* o mais numeroso, com quatro espécies. A riqueza da Família Myrtaceae é comum em todos os tipos fitogeográficos do Rio Grande do Sul, apresentando o maior número de espécies representantes na flora arbórea (Sobral, 2003).

Segundo Vasconcellos *et al.* (1992), nas Florestas Estacionais Deciduais mais sujeitas à influência do contingente mesófilo (estacional) de espécies, a família Fabaceae assume primeiro lugar em riqueza,

assemelhando-se ao fragmento de estudo, que destaca Fabaceae como segunda de maior riqueza. Myrtaceae, Fabaceae, Lauraceae e Euphorbiaceae também se destacaram com maior riqueza de espécies em trabalho realizado num fragmento de mata ciliar em estágio sucessional semelhante, na mesma Região Fitoecológica do Rio Grande do Sul (Mallmann *et al.*, 2009, dados não publicados).

Dois táxons encontrados estão incluídos na Lista Final da Flora Ameaçada – RS (Decreto Estadual nº 42.099 de 01 de janeiro de 2003): uma está na categoria vulnerável (*Ocotea silvestris*) e uma criticamente em perigo (*Gutteria australis*) (SEMA, 2003).

Nos levantamentos realizados, as espécies *Lamanonia ternata*, *Alchornea triplinervea* e *Gymnanthes concolor* foram observadas com frequência na área em toda a porção estudada. *L. ternata* ocorre preferencialmente no alto de encostas e em topo de morros onde o solo é mais drenado, tanto no interior de floresta primária densa como em formações secundárias (Lorenzi, 2000). Conforme o mesmo autor, *A. triplinervia* é uma espécie pioneira e praticamente indiferente às condições físicas do solo, cujos frutos são procurados por pássaros, facilitando a dispersão de suas sementes. *G. concolor* é encontrada em diferentes formações florestais com diferentes densidades, sendo registrada com grande densidade por Jarenkow & Waechter (2001) em uma floresta central sul-rio-grandense. Da mesma forma, a espécie apresentou maior densidade em fragmento de mata em estágio avançado de regeneração no município de Lajeado (Freitas & Arend, em preparação).

Do total de espécies amostradas, foram registradas somente duas espécies arbóreas exóticas: *Eucalyptus sp.* e *Pinus elliottii*, introduzidas possivelmente pela ação antrópica, pois os exemplares de cada uma foram observados, na maioria das vezes, de forma agrupada. Apesar de ser cada vez mais comum a presença de *Hovenia dulcis* Thunb. em florestas naturais da região, na área do presente estudo não foram encontrados exemplares. Essas espécies podem tornar-se invasoras, pois o processo de invasão de um ambiente por uma espécie exótica inicia quando, após sua introdução em um novo ambiente, se dispersam por grandes áreas, ocasionando graves alterações no ambiente invadido (Cordeiro, 2005).

O estrato inferior da área do presente estudo varia conforme o aumento da altitude, configuração do substrato e das espécies arbóreas que compunham o dossel, alterando a composição e o tipo da vegetação presente. É composto basicamente por arbustos das famílias Rubiaceae, Piperaceae e Poaceae (*Merostachys multiramea* Hack.), arvoretas, exemplares jovens de espécies arbóreas, lianas e pteridófitas.

A existência da trilha de acesso para o interior da mata parece não representar danos à sua estrutura, pois o estande se apresenta num estágio intermediário a avançado de sucessão, verificado pela baixa proporção de espécies pioneiras e elevada proporção de indivíduos tolerantes à sombra, característico quanto aos requerimentos ambientais necessários ao estabelecimento (Denslow, 1987).

As espécies citadas na área de estudo, cuja vegetação é classificada como Estacional Decidual, apresentam registro de ocorrência em Florestas Estacionais Decidual e Semidecidual e em Florestas Ombrófilas Mista e Densa. Do total de espécies, 54 são citadas para formações classificadas como Floresta Estacional Decidual (Teixeira & Neto, 1986; Longhi *et al.*, 1999; Vaccaro *et al.*, 1999; Araújo *et al.*, 2004; Hack *et al.*, 2005; Lindenmaier & Budke, 2006; Grings & Brack, 2008), 52 para formações de Floresta Estacional Semidecidual (Teixeira & Neto, 1986; Jurinitz & Jarenkow, 2003; Grings & Brack, 2008; Ferreira & Coelho, 2009), 43 para Floresta Ombrófila Mista (Teixeira & Neto, 1986; Grings & Brack, 2008) e 54 para Floresta Ombrófila Densa (Teixeira & Neto, 1986; Grings & Brack, 2008) (Tab. 1). Conforme os autores citados, dessas espécies, 35 são comuns para as quatro formações, indicando apresentarem ampla distribuição. É o caso, por exemplo, de *Alchornea triplinervia*, *Allophylus edulis*, *Cabralea canjerana*, *Casearia sylvestris*, *Cupania vernalis*, *Eugenia uruguayensis*, *Gymnanthes concolor*, *Matayba elaeagnoides* e *Syagrus romanzoffiana*.

Ao comparar a ocorrência das espécies encontradas com o registro delas em trabalhos realizados por outros pesquisadores nas formações florestais do Estado, duas são citadas somente para Floresta Ombrófila Mista (*Maytenus evonymoides* e *Miconia hyemalis*) (Teixeira & Neto, 1986; Grings & Brack, 2008) e cinco apenas para Floresta Ombrófila Densa (*Calyptanthes pileata*, *Camponesia guaviroba*, *Dalbergia frutescens*, *Guatteria australis* e *Pausandra morisiana*) (Teixeira & Neto, 1986; Grings & Brack, 2008). A espécie *Leandra regnellii* apresenta registro exclusivo para Floresta Estacional Decidual (Teixeira & Neto, 1986; Longhi *et al.*, 1999; Vaccaro *et al.*, 1999; Araújo *et al.*, 2004; Hack *et al.*, 2005; Lindenmaier & Budke, 2006; Grings & Brack, 2008) enquanto que somente *Ocotea floribunda* é exclusiva de Floresta Estacional Semidecidual (Teixeira & Neto, 1986; Jurinitz & Jarenkow, 2003; Grings & Brack, 2008; Ferreira & Coelho, 2009). Tais dados indicam uma miscelânea de espécies das quatro formações florestais do Estado. A presença de espécies das quatro formações pode ser em razão da proximidade com a Floresta Ombrófila Mista e das características abióticas. No entanto, tal situação é merecedora de mais estudos.

Diante do elevado grau de avanço da exploração antrópica sobre os ecossistemas, em especial nas matas na Região do presente estudo, é imprescindível a realização de outros trabalhos que promovam o conhecimento do real estado de conservação das mesmas. As informações obtidas através deste estudo podem ser utilizadas para argumentar a necessidade da adoção de estratégias de conservação e proteção de toda a cobertura vegetal nativa existente no Morro da Harmonia e arredores, garantindo a diversidade de espécies regionais e a preservação das encostas do Morro.

Agradecimentos

Aos botânicos Marcos Sobral e Jean C. Budke pelo auxílio na identificação de espécies, aos proprietários da área por permitirem a realização

do trabalho na área e aos amigos e familiares que auxiliaram nas atividades de campo.

Referências

- APG III. ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. 2009. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants. *Botanical Journal of the Linnean Society*, p 105-121.
- ARAÚJO, M.M.; LONGHI, S.J.; BRENA, D.A.; BARROS, P.L.C. de & FRANCO, S. 2004. Análise de agrupamento da vegetação de um fragmento de floresta estacional decidual aluvial, Cachoeira do Sul, RS, Brasil. *Ciência Florestal* 14(1): 133-147.
- BRASIL, 1965. Ministério do Meio Ambiente. Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965. Institui o Novo Código Florestal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br> Acesso em: 15 out. 2010.
- BRASIL, 1994. Ministério do Meio Ambiente. Resolução Conama nº 33, de 7 de dezembro de 1994. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 dez. 1994. Seção 1. n. 248.
- BRUXEL, J. & JASPER, A. 2005. A família Cactaceae na bacia hidrográfica do Rio Taquari, RS, Brasil. *Acta Botanica Brasílica* 19(1): 71-79.
- CORDEIRO, J. 2005. *Levantamento florístico de caracterização fitossociológica de remanescente de Floresta Ombrófila mista em Guarapuava, PR*. Curitiba: UFPR. (Tese de doutorado).
- DENSLow, J.S. 1987. Tropical rainforest gaps and tree species diversity. *Annual Review of Ecology and Systematics* 18: 432-451.
- FERREIRA, G.B. & COELHO, G.C. 2009. Floristics and structure of the tree component in a Seasonal Forest remnant, Chiapetta, Rio Grande do Sul State, Brazil. *Revista Brasileira de Biociências* 7(4): 344-353.
- FREITAS, E.M. & JASPER, A. 2001. Avaliação da flora Orchidaceae em uma porção de floresta estacional decidual no município de Lajeado, Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Botânica* 51: 113-127.
- FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA & INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS 2010. Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica no período de 2008-2010. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica.
- GRINGS, M. & BRACK, P. 2008. Árvores na vegetação nativa de Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul. *Iheringia, Sér. Bot.* 64(1): 5-22.
- HACK, C.; LONGHI, S.J.; BOLIGON, A.A.; MURARI, A.B. & PAULESKI, D.T. 2005. Análise fitossociológica de um fragmento de floresta estacional decidual no município de Jaguarí, RS. *Ciência Rural* 35(5).
- JARENKOW, J.A. & WAECHTER, J.L. 2001. Composição, estrutura e relações florísticas do componente arbóreo de uma floresta estacional no Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira Botânica* 24(3): 263-272.
- JURINITZ, C.F. & JARENKOW, J.A. 2003. Estrutura do componente arbóreo de uma floresta estacional na Serra do Sudeste, Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Brasileira Botânica* 26(4): 475-487.
- JASPER, A.; FREITAS, E.M.; MUSSKOPF, E.L. & BRUXEL, J. 2005. Metodologia de salvamento de Bromeliaceae, Cactaceae e Orchidaceae na Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Salto Forqueta – São José do Herval/Putinga – RS – Brasil. *Pesquisas, Botânica* 56: 265-284.
- JUSTUS, J.O.; MACHADO, M.L. A. & FRANCO, S.M.S. 1986. Geomorfologia. In: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Folha SH. 22 Porto Alegre e parte das folhas SH.24 Uruguaiana e Sl.22 Lagoa Mirim. Rio de Janeiro. P. 323-404 (Levantamento de Recursos naturais, 33).
- LINDENMAIER, D. de S. & BUDKE, J.C. 2006. Florística, diversidade e distribuição espacial das espécies arbóreas em uma floresta estacional na bacia do rio Jacuí, Sul do Brasil. *Pesquisas, Botânica* 57: 193-216.

- LONGHI, S.J.; NASCIMENTO, A.R.T.; FLEIG, F.D.; FLORA, J. B. D.; R. A. de FREITAS & CHARÃO, L.W. 1999. Composição florística e estrutura da comunidade arbórea de um fragmento florestal no município de Santa Maria - Brasil. *Ciência Florestal* 9(1).
- LORENZI, H. 2000. *Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. v.1. 3.ed Nova Odessa: Ed. Plantarum, 360 p.
- LORENZI, H. 2009. *Árvores Brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil*. v.3. Nova Odessa: Ed. Plantarum, 384 p.
- LORENZI, H.; SOUZA, H.M.; TORRES, M.A.V. & BACHER, L.B. 2003. *Árvores exóticas no Brasil: madeiras, ornamentais e aromáticas*. São Paulo: Nova Odessa.
- MALUF, J.R.T. 2000. Nova classificação climática do Estado do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Agrometeorologia* 8(1): 141-150.
- MORENO, J.A. 1961. *Clima do Rio Grande do Sul*. Secretaria da Agricultura - Div. Terras e Colonização, Porto Alegre.
- MUNDELESKI, E.; SCHMITZ, J.A.K. & BIONDO, E. 2008. Estudo ambiental da microbacia do arroio Jacarezinho (Nova Brescia e Encantado, RS) com ênfase na mata ciliar e na qualidade da água. *Caderno de Pesquisa, Série Biologia* 20(3): 44-62.
- PELLEGRINI, J.B.R.; COPETTI, A.C.C.; SANTOS, D.R.; GONÇALVES, C.S.; BORTOLUZZI, E.C. & DALBIANCO, V.P. 2005. Áreas de preservação permanente e qualidade de água na microbacia hidrográfica do Arroio Lino, Agudo, RS. In: *Anais do I Seminário sobre Reflorestamento e recuperação Ambiental: Ambiente e Tecnologia: o desenvolvimento sustentável*, de 31 de agosto a 3 de setembro de 2005. Lajeado, Univates, 2005. p.15-26.
- SEMA. 2003. Lista final das espécies da flora ameaçadas – RS. Disponível em http://www.fzb.rs.gov.br/downloads/flora_ameacada.pdf. Acesso em: 15 out. 2010.
- SOBRAL, M. 2003. *A família Myrtaceae no Rio Grande do Sul*. São Leopoldo: Editora UNISINOS. 215p.
- SOBRAL, M.; JARENKOW, J. A.; BRACK, P.; IRGANG, B.; LAROCCA, J. & RODRIGUES, R.S. 2006. *Flora arbórea e arborescente do Rio Grande do Sul, Brasil*. São Carlos: Editora Rima: Novo Ambiente. 350p.
- SPELLMEIER, J.; PÉRICO, E. & FREITAS, E.M. de. 2009. Composição florística de um banhado no município de Estrela – Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Botânica* 60: 367-381.
- STEFFENS, C. & WINDISCH, P.G. 2007. Diversidade e formas de vida de pteridófitas no Morro da Harmonia em Teutônia – RS, Brasil. *Pesquisas, Botânica* 58: 375-382.
- STRECK, E.V.; KÄMPF, N.; DALMOLIN, R.S.D.; KLAMT, E.; NASCIMENTO, P.C. do; SCHNEIDER, P.; GIASSON, E. & PINTO, L.F.S. 2008. *Solos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR. 222 p.
- TEIXEIRA, M.B. & NETO, A.B.C. 1986. Vegetação. As regiões fitoecológicas, sua natureza e seus recursos econômicos. Estudo fitogeográfico In: FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Folha SH. 22 Porto Alegre e parte das folhas SH.24 Uruguaiana e SI.22 Lagoa Mirim. Rio de Janeiro. P. 541-632.
- Turismo no Vale do Taquari. 2010 Disponível em <http://www.valedotaquari.org.br/lagoa_da_harmonia.php> Acesso em: 10 out. 2010.
- VACCARO, S.; LONGHI, S.J. & BRENA, D.A. 1999. Aspectos da composição florística e categorias sucessionais do estrato arbóreo de três subseres de uma floresta estacional decidual, no município de Santa Tereza - RS. *Ciência Florestal* 9(1).
- VASCONCELLOS, J.M.O.; DIAS, L.L.; SILVA, C.P. & SOBRAL, M. 1992. Fitossociologia de uma área de mata subtropical no Parque Estadual do Turvo-RS. *Revista do Instituto Florestal* 4: 252-259.

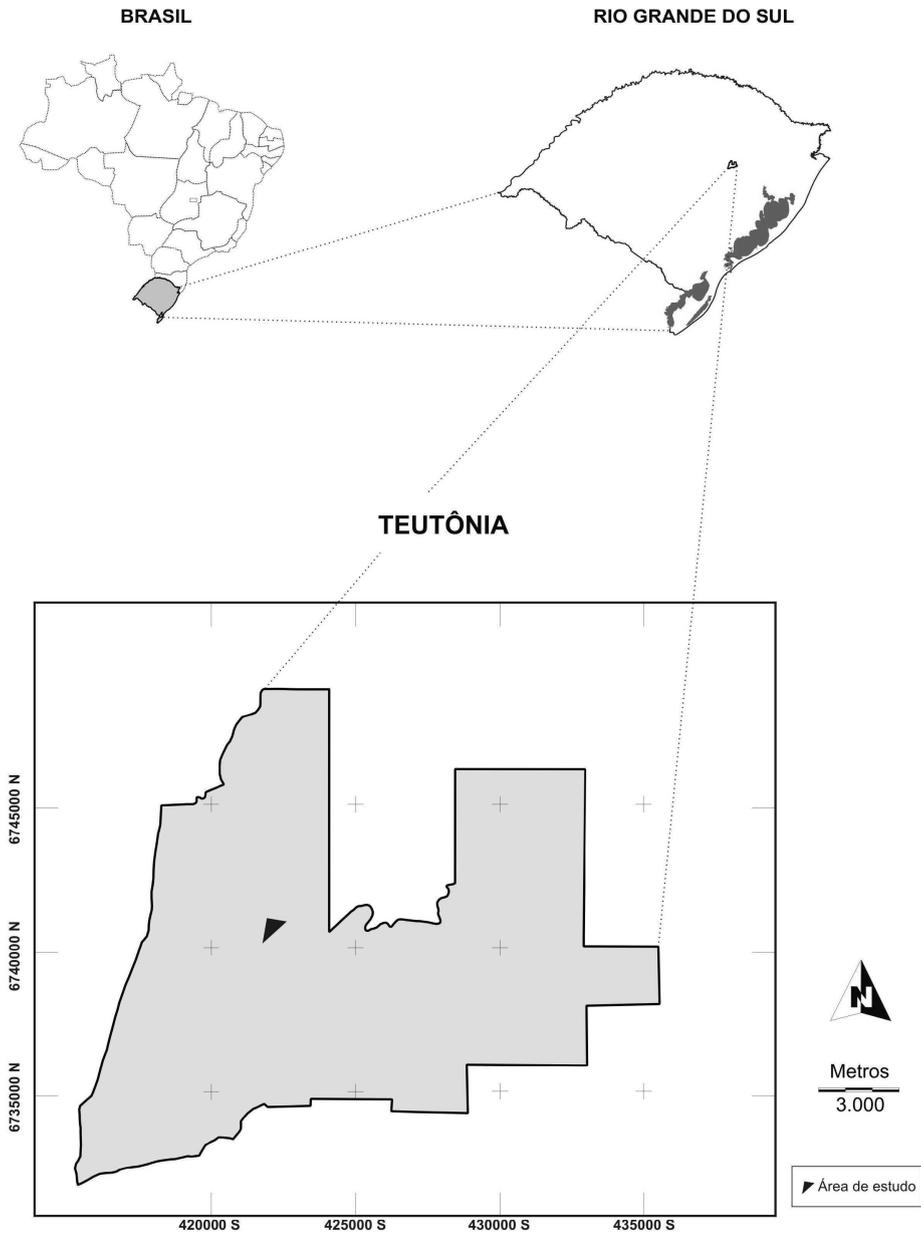


Figura 1: Localização do Município de Teutônia no Rio Grande do Sul e da área de estudo dentro do município. Fonte: (Elaborado por Úrsula Arend)

Tabela 1: Lista das famílias e espécies encontradas em uma porção de mata de encosta no Morro da Harmonia, Teutônia, RS, com o respectivo testemunho e comparativo de espécies citadas em outros trabalhos realizados em diferentes florestas no Rio Grande do Sul. Legenda: FED (Floresta Estacional Decidual), FES (Floresta Estacional Semidecidual), FOM (Floresta Ombrófila Mista), FOD (Floresta Ombrófila Densa)

FAMÍLIA/Espécie	HVAT	FED	Florestas		
			FES	FOM	FOD
ANNONACEAE					
<i>Annona rugulosa</i> (Schltdl.) H. Rainer		X	X	X	X
<i>Guatteria australis</i> A St. - Hil.	2658				X
ARALIACEAE					
<i>Dendropanax cuneatus</i> (DC.) Decne & Planch					
ARECACEAE					
<i>Syagrus romanzoffiana</i> (Cham.) Glassman		X	X	X	X
ASTERACEAE					
<i>Gochnatia polymorpha</i> (Less) Cabrera					
<i>Vernonia discolor</i> (Spreng.) Less.		X	X	X	
BIGNONIACEAE					
<i>Jacaranda micrantha</i> Cham	2661	X	X	X	X
CANNABACEAE					
<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume		X	X	X	X
CELASTRACEAE					
<i>Maytenus evonymoides</i> Reissek				X	
CUNONIACEAE					
<i>Lamanonia ternata</i> Vell	2650	X		X	
EBENACEAE					
<i>Diospyros inconstans</i> Jacq.	2654	X	X	X	X
ERYTHROXYLACEAE					
<i>Erythroxylum argentinum</i> O.E. Schulz		X	X	X	X
EUPHORBIACEAE					
<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Müll. Arg.		X	X	X	X
<i>Gymnanthes concolor</i> Spreng. Muell. Arg.	2648	X	X	X	X
<i>Pachystroma longifolium</i> (Ness) I.M. Johnst.	2656	X	X		X
<i>Pausandra morisiana</i> (Casar.) Radlk.					X
FABACEAE					
<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton					X
<i>Inga marginata</i> Wild.		X	X	X	X
<i>Inga sessilis</i> (Vell.) Mart.	2662	X			X
<i>Machaerium stipitatum</i> (DC.) Vogel		X	X	X	X
<i>Senna oblongifolia</i> (Vogel) H.S. Irwin & Barneby					
LAMIACEAE					
<i>Vitex megapota mica</i> (Spreng) Moldenke		X	X	X	X
LAURACEAE					
<i>Aiouea saligna</i> Meisn.		X	X		X
<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J. F. Macbr.	2659	X	X	X	X
<i>Nectandra oppositifolia</i> Ness		X	X		X
<i>Ocotea floribunda</i> (Sw.) Mez.			X		
<i>Ocotea silvestris</i> Vattimo-Gil.		X	X		X
MELASTOMATACEAE					
<i>Leandra regnellii</i> (Triana) Cogn.		X			
<i>Miconia hyemalis</i> A St. -Hil. & Naudin	2649			X	
<i>Miconia pusilliflora</i> (DC.) Naudin					
MELIACEAE					
<i>Cabranea canjerana</i> (Vell.) Mart.		X	X	X	X
<i>Trichilia catigua</i> A Juss.		X	X		
<i>Trichilia clausenii</i> C. DC.		X	X		X
MONIMIACEAE					

<i>Mollinedia schottiana</i> (Spreng.) Perkins.		X			X
MORACEAE					
<i>Ficus luschnathiana</i> (Miq.) Miq.	2651	X	X		
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) Don ex Steud.		X	X	X	X
<i>Sorocea bonplandii</i> (Baill.) W. C. Burger, Lanjouw & Boer	2657	X	X		X
MYRSINACEAE					
<i>Myrsine coriacea</i> (Sw) R. Br.	2652	X	X	X	X
<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	2660				
<i>Myrsine umbellata</i> Mart.	2653	X	X	X	X
MYRTACEAE					
<i>Calyptanthes grandifolia</i> O. Berg			X		X
<i>Calyptanthes pileata</i> D. Legrand.					X
<i>Campomanesia guaviroba</i> (DC.) Kiaersk					X
<i>Eucalyptus</i> sp.					
<i>Eugenia pyriformis</i> Cambess.		X	X	X	
<i>Eugenia rostrifolia</i> D. Legrand		X	X		X
<i>Eugenia schuechiana</i> O. Berg		X	X		X
<i>Eugenia uruguayensis</i> Cambess.		X	X	X	X
<i>Myrcia hatschbachii</i> D. Legrand				X	X
<i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) DC.		X	X	X	X
<i>Myrcia palustris</i> DC.		X	X	X	X
<i>Myrcianthes gigantea</i> (D. Legrand) D. Legrand		X	X	X	X
<i>Psidium cattleianum</i> Sabine		X	X	X	X
NYCTAGINACEAE					
<i>Pisonia zapallo</i> Griseb.		X	X	X	X
PINACEAE					
<i>Pinus elliotii</i> Engel.					
PROTEACEAE					
<i>Roupala asplenioides</i> Sleumer		X		X	
ROSACEAE					
<i>Prunus myrtifolia</i> (L.) Urb.		X	X	X	X
RUBIACEAE					
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum		X	X	X	X
<i>Psychotria suterella</i> Müll. Arg.		X			X
RUTACEAE					
<i>Zanthoxylum astrigerum</i> (R.S. Cowan) P. G. Waterman		X	X	X	X
SALICACEAE					
<i>Banara parviflora</i> (A.Gray) Benth.		X	X	X	X
<i>Casearia decandra</i> Jacq.		X	X	X	X
<i>Casearia obliqua</i> Sreng.		X	X	X	
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.		X	X	X	X
SAPINDACEAE					
<i>Allophylus edulis</i> (A St. - Hil., Cambess. & A Juss) Radlk		X	X	X	X
<i>Cupania vernalis</i> Cambess.		X	X	X	X
<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.		X	X	X	X
SAPOTACEAE					
<i>Chrysophyllum gonocarpum</i> (Mart. & Eichler) Engl.		X	X	X	X
SOLANACEAE					
<i>Solanum sanctaecatharinae</i> Dunal		X	X	X	X
SYMPLOCACEAE					
<i>Symplocos tetrandra</i> (Mart.) Miq	2655	X	X	X	X
URTICACEAE					
<i>Boehmeria caudata</i> Sw.		X	X	X	X
VERBENACEAE					
<i>Citharexylum myrianthum</i> Cham		X	X		X